
Susan
Hayward

ALBUM DOS ARTISTAS
(2.º Volume — Fasc. 19)
Edição de Aguiar & Dias, L.da — — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Delegação no PORTO: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa

Susan Hayward

(o rosto mais maleável de Hollywood)

lutou e sofreu como ninguém para alcançar a felicidade!

NA Brooklin, o populoso bairro novaiorquino, nasceu a 30 de Junho de 1917, uma menina que, anos mais tarde, veio a conquistar os aplausos dos espectadores das salas escuras.

O lugar onde a cegonha depositou a sua preciosa carga não podia ter sido mais humilde. Ali vivia um casal com dois filhos.

O pai era um modesto operário manual, de origem holandesa. A mãe, de ascendência sueca, tinha a seu cargo o governo da casa.

Ocupavam uma pequena casa situada junto de uma fábrica de gás, cujas emanações provocavam intoxicações e mau cheiro. Pela rua abaixo, corria uma regueira pestilenta, verdadeiro caudal de imundícies. E, apesar de tudo, naquela rua miserável, o casal vivia feliz com o seu amor e oferecia filhos a Deus.

A menina ficou inscrita no registo civil com o nome de Edithe Marrener, embora, vinte





Aos dezassete anos, Susan Hayward abandonou a casa paterna, apenas com 75 dólares no bolso. As lides domésticas eram incompatíveis com o seu temperamento irrequieto e tempestuoso.

anos depois, o mundo inteiro viesse a conhecê-la sob o nome de Susan Hayward, e como a estrela simultâneamente mais feliz e mais infeliz dos últimos anos.

Desde a infância, ela teve um comportamento digno de admiração. Possuía um temperamento forte e, ao mesmo tempo, simples e sensível — ponto vulnerável para quem deposita a alegria de viver sobre um caudal de emoções profundas.

A precária situação económica da família reflectia-se na indumentária de Edythe: vestidos miseráveis, sapatos de solas rotas, cabelos desgrenhados e um par de olhos verdes tristes e brilhantes.

Voluntariosa e obstinada, ela mantinha firmemente uma vincada personalidade, que a sua reduzida altura parecia querer negar.

Edithe frequentava a escola do bairro. Ainda não tinha os doze anos e já os seus condiscípulos, adivinhando a futura mulher, procuravam namorá-la.

Ela punha termo às pretensões dos seus admiradores com respostas incisivas e oportunas. Sabia ir e vir da escola para casa sem outra companhia além da dos seus pensamentos. Caminhava depressa: os lábios carnudos entreabertos, o nariz vibrátil, o corpo flexível.

O rancor despeitado dos rapazes repelidos, vendo-a sempre sòzinha, levava-os a comentar:

— Que moça! É inacessível!

— Deves dizer — insuportável!

— Isso não! Não me importava de ganhar a sua amizade!

— A amizade de um potro selvagem?

Quando Edithe ouvia estes comentários, não se incomodava muito. Continuava o seu caminho e recebia os comentários como novas vitórias. Sabia que a desejavam, que a temiam e que lhe outorgavam o reconhecimento de superioridade. Que mais poderia desejar?

Nas aulas, mostrava-se inteligente e viva, até ao ponto de impor as suas opiniões. Sòmente ali admitia entrar em conversas. Não ignorava os seus atractivos. O que a natureza lhe negara em estatura, tinha-o em poder de sedução.

Não era por acaso que os rapazes mais crescidos da escola se não cansavam de elogiar a suavidade da sua pele e o fulgor diabólico das suas púpilas.

Daí que o «potro selvagem» os mantivesse a distância com agressiva segurança.

★

Num dia em que se comentava a obra literária de Shakespeare, o professor chamou ao estrado Ivo Grossel, aluno que, por contraste, era o rival de Edithe.

Alto, quase um gigante, tímido e desajeitado, Ivo entusiasmava-se com Shakespeare. Estava em condições de recitar, de memória, as obras completas do seu poeta preferido. Desejava ser interrogado. Ao ouvir o seu nome, o coração deu-lhe um pulo e o rosto se incendiou de satisfação. Tinha a certeza de ir desempenhar um papel que daria aplausos.

Coube-lhe recitar uma passagem de «Hamlet».

Levado pelo próprio entusiasmo, agarrou no ponteiro que estava junto do quadro e empunhando-o como se fosse uma espada, recitou com juvenil veemência uma torrente de versos, esquecendo que o seu prematuro crescimento, as suas roupas pobres e os seus gestos tresmalhados, davam-lhe mais aspecto cómico que dramático.

A catástrofe não tardou a produzir-se, na forma de assobios e gargalhadas. O improvisado declamador emudeceu, pálido de vergonha, com o desapontamento estampado no semblante. Antes de regressar ao lugar, seguido pelo riso e pela gritaria dos seus camaradas, relanceou o olhar pela sala, como se procurasse alguém que o compreendesse. Mas só encontrava rostos irónicos e barulhentos. Por fim, sentiu-se atraído por dois olhos verdes, tranquilos e sonhadores. Eram os olhos de Edithe, que o contemplava com o rosto cheio de de simpatia. Ira Grossell quase não acreditava no que os seus olhos viam, dizendo de si para si que não podia ter mais sublime compensação. O gesto da ruiva fazia-lhe esquecer a humilhação recebida. Sentia-se aturdido e feliz.

À saída, Edithe procurou-o para felicitá-lo. Disse-lhe com veemência:

— Não faças caso. Não compreendem nada, mas eu compreendo o teu talento, porque, um dia, serei também uma grande actriz.

O gigante sentiu um nó na garganta. Não podia responder. Faltava-lhe espírito impulsivo e decidido que se destacava no perfil psicológico da sua companheira de estudos.



Em poucas semanas, os setenta e cinco dólares evaporaram-se. Então, Susan resolveu ganhar dinheiro como modelo de fotógrafos. Um dia, quando o seu retrato apareceu no «Saturday Evening Post», Hollywood chamou-a a pedir provas. O primeiro contrato de Susan durou seis meses e deu-lhe um modesto papel no filme «Girls on Probation», interpretado por Ronald Reagan. O resto do tempo passou-o a posar para fotografias de publicidade, exibindo o seu corpo escultural em trajos de banho.



Quando o contrato expirou, Susan voltou a ficar sem trabalho durante seis meses. Porém, uma nova oportunidade surgiu na sua vida, graças ao filme «Beau Geste», com Gary Cooper e Ray Milland, em que desempenhou um papel revelador da sua personalidade.

Enquanto Iva Grossell se serenava, a menina, desejosa de continuar a falar, propôs:

— Se queres, regressamos juntos!

— Deixas? — gaguejou, feliz pelo oferecimento.

— Claro. Foi o que acabei de dizer.

— Obrigado.

Caminharam silenciosamente durante uns minutos, ante o espanto geral. Depois, Edithe averiguou:

— Que pensas fazer quando fores maior?

— Ainda não decidi. A minha mãe tem uma loja.

— Tu não serves para isso.

— Como sabes?

— Recitas muito bem. Deverias ser actor.

— Actor?

Iva Grossel ficou meditando, porquanto jamais lhe tinha ocorrido semelhante ideia.

Continuaram a encontrar-se nos dias seguintes. A pequena Edithe, mais conhecida por «Potro selvagem», já não ia nem vinha só. Tão pouco corria pelas ruas, com os cabelos ao vento e as roupas em desalinho.

Tornaram-se amigos inseparáveis. Após as aulas, passavam horas debatendo problemas mútuos e deambulando pelos bairros miseráveis da Brooklin.

— Gostas de cinema?

— Muito.

— Eu também. Poderíamos ir...

— Não tenho dinheiro.

— Nem eu!

Passeando, passeando sempre, acabaram por encontrar uma maneira de ir ao cinema. Entre os caixotes de lixo, deviam encontrar-se muitas garrafas vazias. Decidiram recolhê-las para as vender ao ferro-velho.

— Que dizes a isto?

— É maravilhoso! — replicou Edithe. — Com este dinheiro, podemos ir ver os melhores filmes.

O entusiasmo da menina contagiava o seu companheiro, que começava a sentir-se atraído pela carreira de actor. Na obscuridade da sala, certo dia, confessou-lhe tudo:

— Sabes? Também quero ser actor. Assim estaremos sempre juntos.

Edithe apertou-lhe a mão, com cálido entusiasmo, exclamando:

— Precisamos de particar.

— Onde? Com quem? Nem tu nem eu podemos pagar cursos de declamação.

— Praticaremos no saguão da minha casa — e acrescentou com naturalidade. — Aprenderemos sòzinhos. Tu corriges os meus defeitos e eu os teus. De acordo?

— Sim, sim, de acordo. — assentiu Ivo, assombrado com a rapidez mental da sua amiga.

Durante muitos anos, Susan pôs à prova a sua perseverança, trabalhando sem desânimo para impor o seu talento. Enquanto esteve presa à Paramount, não conseguiu papéis de grande relevo. E a sua situação não melhorou ao transferir-se para a companhia de Walter Wanger. Em 1949, este produtor vendeu o contrato de Susan à Fox, permitindo à actriz dos cabelos ruivos a grande consagração da sua beleza e do seu talento. Após «O Correio do Inferno» e «David e Betsabé», dois filmes que a glorificaram de forma retumbante, Susan interpretou «Quando o coração canta», ao lado de Rory Calhoun.







À ESQUERDA:

Ao encarnar a figura de Jane Froman, em «Quando o coração canta», Susan apaixonou-se pelo seu papel, encontrando na vida da notável cantora americana o mesmo espírito de perseverança e devoção por uma carreira que sempre tinha sido a sua própria razão de viver.

Todas as tardes, depois da escola, indiferentes às emanações pestilentas da fábrica de gás, ambos se submetiam a provas de ensaio.

O rapazinho gigante, actualmente famoso com o nome artístico de Jeff Chandler, dissimulava, tanto quanto possível, as incomodidades do pestilento saguão, obsequiando a sua querida Edithe com os caramelos que subtraía na loja da mãe.

A menina agradecia, assegurando que jamais esqueceria aquelas horas de camaradagem.

— Hei-de ser célebre. Ganharei muito dinheiro e não me esquecerei de ti.

O corpulento Iva ficava a contemplá-la surpreendido, porque a sua excepcional amiga nem tinha meias para usar.

— Não acreditas? — insistia ela, como se Iva, no seu silêncio, tivesse dúvidas.

— Oh, sim, sim. Acredito. Tu és capaz de tudo.

Sentados nos degraus da escada, repousando após o ensaio, viam cair a noite, pensando no futuro.

★

Tinham decorrido um par de anos quando a família Grossel se transferiu para Manhattan, obrigando os dois amigos a separarem-se.

À DIREITA:

Embora soubesse cantar, como demonstraria, anos mais tarde, em «Uma mulher no inferno», Susan concordou em que a sua voz fosse substituída nas cenas de canto pela voz natural de Jane Froman, o que contribuiu para dar ao filme um mais nítido cunho de autenticidade.





O casamento de Susan com o actor Jess Barker durou 10 anos, muitos dos quais decorreram num clima de tensão nervosa, devido à longa inactividade a que os estúdios relegaram o marido da vedeta. Jess passava os dias na cama e, à noite, quando saía com Susan era um homem sorumbático, sempre absorvido pelo complexo de inferioridade que o minava. Mesmo quando sorria, era sombrio e desagradável.

Edith ingressou na Escola Superior de Comércio. As matemáticas não conseguiram refrear a sua imaginação, nem tão pouco dissuadi-la do caminho que tinha traçado. Sabia o que queria e afrontava o futuro cara a cara.

Aos dezassete anos abandonou Manhattan para tentar a sua sorte na Broodway. Todas as suas economias totalizavam setenta e cinco dólares, o que era demasiado pouco para se arriscar sòzinha à conquista da fortuna.

O seu pequeno corpo não entusiasmava o público. Que era linda ninguém ousava pôr em dúvida. Mas, nem a malícia dos seus olhos, nem o gracioso arrebitado do seu nariz, nem o aliciante desenho dos seus lábios, pareciam bastante eloquentes para conseguir lugar nos palcos novaiorquinos.

Em poucas semanas, com um fardo de «negativas» às costas, esgotou todas as economias. Impunha-se-lhe o regresso a casa, à sua condição de um algarismo mais a somar à miséria de Brooklin. Sòmente tinha outra solução ao seu alcance: procurar trabalho. Optou pela última.

Ndo encontrando coisa melhor, aceitou posar para as capas das revistas. Tornou-se modelo de fotógrafo. Aprendeu assim a submeter os músculos do rosto à sua vontade. Quando queria parecer preversa, conseguia-o; ingénua, também; romântica e sonhadora, o mesmo.

Os fotógrafos disputavam-na numa luta de ofertas. Ganhava dinheiro. Podia viver e pagar lições de arte dramática.

Devido às centenas de fotografias espalhadas pelas revistas, em poses de «vamp», à volta de Susan começou a criar-se o falso conceito que ainda hoje perdura acerca do seu «glamour».

No entanto, graças à força expressiva do seu rosto, conseguiu atrair a atenção de David O. Selznick, que andava a procurar uma ruiva ingénua e; se possível, de olhos verdes, que se adaptasse à figura do principal personagem feminino do filme «E tudo o vento levou». George Cukor, o realizador, secundava Selznick nas suas pesquisas.

Decorridos alguns dias, Cukor apareceu no gabinete do chefe, sobraçando um exemplar do «Saturday Evening Post».

— Encontrei a nossa actriz — disse com convicção.

— Onde está? — perguntou Selznick.

— Aqui — respondeu, mostrando-lhe a revista.

Logo que pôs os olhos na revista, Selznick gritou entusiasmado:

— Traga-ma já! É exactamente a actriz que pretendo! Traga-ma já!

Os investigadores do estúdio saíram à procura de Susan. Não tardaram a localizá-la e menos ainda em convencê-la a que os acompanhasse a Hollywood.

Preparada a prova, fizeram-na interpretar a cena em que Scarlet O'Hara volta a casa, após a destruição de Tara pelo exército de Sharman.

Na referida cena, Scarlett O'Hara percorria os campos faminta, procurando qualquer coisa para comer. Qualquer coisa se lhe afiguraria boa para acalmar a fome que a devorava. Por fim, encon-

Eis duas cenas de «A Feiticeira Branca», com Robert Mitchum e Walter Slezak. Susan desempenhava o papel da enfermeira Ellen Burton. Enquanto esteve no Congo, por exigência das filmagens, o seu comportamento perante os perigos da selva mereceu sempre os mais rasgados elogios









«O Conquistador», filme de grande espectáculo realizado pelo ex-actor Dick Powel, deu a Susan a oportunidade de revelar outra faceta do seu talento: a de bailarinha. O conjunto da sua interpretação na figura da mulher que conquistou o coração de Genghins Khan (John Wayne), dificilmente poderia encontrar outra actriz mais digna desse papel

trara algo. Não sabia o que era, mas comia-o. Comia-o ansiosamente quase devorando. Depois, levantando o punho, exclamava:

— Com a ajuda de Deus não voltarei a passar fome.

Era uma prova esgotante. A inexperiência juvenil de Susan, que não tinha a altura requerida para o papel, saiu derrotada pela experiência madura de Vivien Leigh.

— Volta a Nova Iorque, rapariga, estuda muito. Será útil para o teu futuro. Ainda és demasiado jovem — disse-lhe Selznick.

Mas, como Susan também tinha tomado uma resolução, a resposta, decidida e graciosa, surpreendeu o produtor:

— Penso ficar cá, senhor Selznick. Gosto muito dos limoeiros que crescem em Hollywood.

★

A sorte protegeu-a. Os limoeiros de Hollywood tardaram pouco a vê-la assinar o primeiro contrato. A propaganda lançada à volta das candidatas a «E tudo o vento levou» tinha sido tão espectacular que a Warner confiou-lhe um curto papel em «Marcada pela Lei». No entanto, ao expirar este contrato, não conseguiu que o renovassem. Assim, a flamante Susan Hayward viu-se forçada a voltar às capas das revistas. Como se este fracasso profissional não fosse bastante, veio somar-se-lhe a morte do pai.

Com invulgar coragem e generosidade, Susan propôs à família:



A sedução de Susan Hayward

Esta página regista as seis fases em que Susan Hayward dividiu o seu plano de sedução para atrair Gary Cooper no filme «O Jardim do Diabo», em que interpretava o papel de uma mulher perversa e amorosa, que sabia amar e odiar, mentir e lutar contra todas as adversidades. Ressalta das expressões seis vezes diferentes de Susan a extraordinária maleabilidade do seu rosto, em que a ternura, o orgulho, o desprezo, a bondade e a violência encontram sempre a medida exacta que convence e fascina. O segredo da sedução de Susan Hayward não se deve às maneiras sofisticadas com que certas vedetas encobrem a sua incapacidade de atracção, mas sim à naturalidade envolvente que põe nas suas representações



— Não desanimeis. Vinde para meu lado. Compartilharemos os ganhos.

Tal como prometera, tomou a família a seu cargo, vivendo na realidade aquelas cenas que, por falta de experiência, não lhe tinham permitido interpretar «E tudo o vento levou».

Agora já sabia o que era passar fome. Conhecia as reacções de Scarlet O'Hara e não desanimava, confiante em que acabaria por impor o seu talento.

Finalmente, em 1939, teve o seu primeiro papel em «Beou Geste», ao lado de Gary Cooper. Em seguida, e em papéis mais ou menos importantes, interpretou mais dois filmes no mesmo ano: «Our Leading Citizen e «$1.000 a Tonch-down».

Terminado o contrato de três filmes para a Paramount, trabalhou pora diversos

Bob Neal, um dos magnates do petróleo do Texas, acompanhou certa vez Susan ao Mocambo. Repare-se no ar sorridente e feliz do milionário, em contraste com a maneira esforçada da actriz tentando fumar um cigarro... A lembrança de que o marido a esperava em casa, com os seus terríveis complexos, roubava-lhe o gosto de se divertir



produtores. Os dias pareciam-lhe curtos, tão grande era o seu afã de criar um nome, de consolidá-lo!

Sem pensar senão no trabalho, atingiu os 20 anos. O amor surgiu então na sua vida, na figura de um elegante moço que envergava uniforme militar.

Conheceram-se no bar da Paramount. O galã chamava-se Jass Barker. Era um actor que, tal como Susan, iniciava a sua carreira artística. Olharam-se com interesse.

— Coca-cola — pediu a inquieta jovem.

— Sou Jess Barker — exclamou o militar. — Permita-me que a convide, Susan.

— Sabe quem sou? — inquiriu.

— Uma mulher bonita admira-se e nunca se esquece, mesmo sem esforço.

Falaram e beberam em alegre camaradagem. A simpatia brotou expontânea entre ambos. Algo parecido como o amor à primeira vista. Jess arriscou:

— Além de atraente, é terrìvelmente simpática, maliciosa e...

Não o deixou terminar. Aquele rapaz de pele morena e porte distinto, agradava-lhe. Soltou uma gargalhada cristalina.

— Quer cear comigo? Depois iremos dançar...

— Maravilhoso! Desejo divertir-me...

A noite, caindo, encontrou-os eufóricos e felizes. Jess acompanhou Susan até a casa. No momento da despedida, intentou beijá-la. A improvisada «vamp», tirou o sapato e, mais rápida que o atrevido galanteador, frustou-lhe os intentos, agredindo-o na cabeça, sem, no entanto, deixar de rir.

A despeito da intempestiva reacção de Susan, continuaram amigos, porque afinal simpatizavam um com o outro e porque ambos tinham iguais ambições e um futuro largo e prometedor.

Susan não gostava dos lugares buliçosos, nem de «flirts», nem de escândalo. Aspirava ter um lar e ser amada pelo homem a quem trataria por esposo



A mãe...

Os dois gémeos Gregory e Timothy, após o divórcio dos pais, em 1954 ficaram sob a custódia da Susan, que lhes dedica todo o amor maternal do seu coração generoso e sensvel. Pelo menos até atingirem a maioridade e a despeito da falta do pai, Susan nunca lhes faltou, nem faltará, com o amparo moral e económico de que carecem. Ela considera os seus deveres de mãe como os mais importantes da vida.

e os gémeos!

Depois de terem contracenado em «O correio do inferno», Tyrone Power e Susan Hayward voltaram a encontrar-se noutro romance de amor, desta vez no cenário da África misteriosa e selvagem. «Enquanto duma a tormenta» — assim se chamava o filme — era a história de uma mulher meio anjo, meio demónio, que contornava todos os perigos para obter diamantes dos indígenas, mas que acabava por encontrar no amor a verdadeira felicidade





Clark Gable, o «Rei», escolheu Susan Hayward para sua parceira em «O aventureiro de Hong-Kong», filme de aventuras orientais no quadro misterioso da China dos nossos dias. Apesar de realizado por um mestre de cinema—Edward Dnytryck — este filme deixou muito a desejar. Se não fosse o excelente trabalho dos principais artista, o filme redundaria num tremendo fracasso. Salvou-o as cenas de amor entre Susan e Clark Gable



e a quem daria filhos. Para o conseguir, sentia-se capaz de renunciar à profissão que sempre fizera parte dos seus sonhos mais queridos.

Um dia, Jess disparou-lhe inesperadamente uma pergunta à queima-roupa:

— Quando nos casamos, querida?

— Se estás realmente apaixonado por mim, quando o quizeres. Não pertenço ao género de mulheres que pensam em se divorciar. Quando casar será «para toda a vida».

— Pede-me uma prova...

— Apenas te peço uma promessa. Uma promessa que terá de ser mútua.

— Qual?

— A de que entre nós, uma vez que ambos somos artistas, jamais existirá a sombra de quaisquer rivalidades profissionais. Pela minha parte, asseguro-te que se conseguir ser uma boa esposa e uma boa mãe, tudo o mais se me afigurará secundário.

Um beijo — desta vez concedido sem protestos — selou o pacto.

Antes de combinar definitivamente o casamento, deram grandes passeios pelas praias vizinhas, num venturoso idílio ansioso de paz e intimidade.

Corria o ano de 1944.

Um ano depois do casamento, a chegada dos dois gémeos Timothy e Gregory veio reforçar de manrira insofismável, aquele amor que parecia indestrutível.

— Oh, Jess! Meu adorado Jess! Tenho medo de tanta felicidade! —exclamava a deslumbrante «estrela» sempre que as exigências da rodagem a obrigava a afastar-se dos seus.

— Fica tranquila. Eu cuidarei dos pequenos.

Todavia, o que parecia ser uma oferta de amor, transformou-se, pouco a pouco, como se obedecesse a um estranho malefício, numa fonte de infelicidade. Jess não trabalhava, nem tinha onde ou em que trabalhar. Os meses passavam-se e a situação permanecia inalterável. Sem que se encontrasse uma explicação para o facto, a desgraça desabava sobre a vida dos Barker.

★

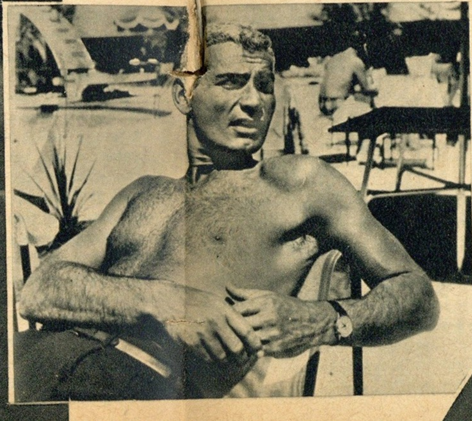
Os exercícios que outrora Susan fizera para dominar o seu ex-





...e o amor voltou a sorrir!

Após o rompimento inevitável com o seu primeiro marido, Jess Barker, Susan Hayward esteve à beira da morte. A sua tentativa de suicidio sòmente não resultou devido à acção enérgica e imediata da mãe ao receber um telefonema de que suspeitou a tempo. Internada no hospital, onde teve de ser submetida a um cuidadoso tratamento de desintoxicação, Susan não teria ganho coragem para esquecer o malogro do seu casamento se não fosse o amparo moral e os conselhos de seu amigo de infância e companheiro de estudos, Jeff Chandler. Depois, a vida começou pouco a pouco a sorrir para Susan, até que o amor voltou na figura do alto e simpático advogado da Geórgia, Eaton Chalkey. O casamento teve lugar em Fevereiro do ano transacto. Na imagem da esquerda, a expressão de admiração e encanto com que Susan, pequena e submissa, ergue os olhos para o seu actual marido, revela exuberantemente que o amor lhe voltou a sorrir, talvez para sempre...







O cinema tem levado Susan a todos os continentes. Ei-la numa cena de «Enquanto dura a tormenta», filmado na África do Sul...

pressivo rosto, valeram-lhe um ruidoso triunfo em «Smash up», que narrava a história de uma mulher alcoolizada — o mesmo tema que, anos mais tarde, viria a ser abordado em «Uma mulher no inferno».

Perante semelhante prodígio de expressões, um jornalista interpretou Susan:

— Como consegue dar-nos um jogo fisionómico tão surpreendente?

Susan, em resposta, ofereceu ao jornalista uma demonstração pessoal, que não pôde ser descrita por falta de palavras...

★

Com trinta anos esplendorosos, um nome famoso, uma beleza e um talento que não davam largas a dúvidas. Susan gostava de olhar para o passado, num exame retrospectivo à sua vida e à sua carreira.

O caminho, tão penosamente percorrido, ensinara-a a não dar um passo em falso. Agora, Susan não desconhecia que a glória não se alcança sem sofrimentos. E enfrentava com naturalidade a potente luz dos holofotes, as intermináveis horas de ensaio, o incómodo da maquilhagem, os constantes perigos de certas cenas arriscadas, as frequentes dietas para não engordar nem emagrecer.

O que realmente a feria eram as ausências do lar. Começava a dar conta de que ia necessitar de muita coragem para o defender. Jess não era feliz! E sem a

mútua felicidade, tudo se podia desmoronar. O marido passava os dias mendigando emprego, com resultados cada vez piores. Considerava-se um fracassado.

Susan apercebeu-se da íntima derrota de Jess, sem necessidade de lhe ouvir uma confissão. Continuava a amá-lo e sofria tanto como ele. Temendo ferir-lhe o amor próprio, punha-lhe às escondidas dinheiro nos bolsos, pensando que o mais difícil deveria ser faltar dinheiro para os pequenos gastos pessoais. Satisfazia todos os encargos familiares com generosa prodigalidade. E se alguma vez o ouvia lamentar-se, argumentava com decisão:

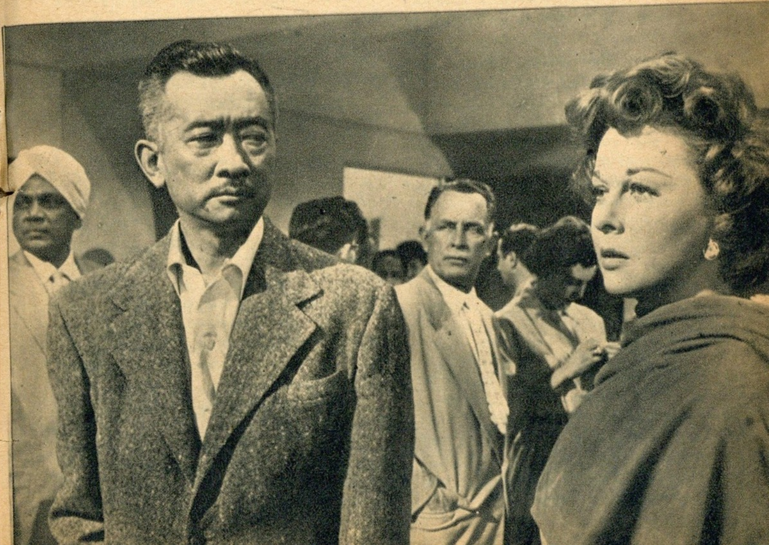
— Nada devemos temer. Enquanto procuras trabalho, Deus compensa-nos dando-me sorte na minha carreira.

— Mas o homem é que tem o dever de sustentar a família... — opunha ele.

— A família somos nós dois e os garotos — insistia ela, com um sorriso corajoso. — Esta situação há-de modificar-se. Quando tiveres dinheiro, logo me pagarás o que te empresto; porque, percebes? trata-se de um empréstimo... Jess, meu querido Jess! Não me olhes assim... Sorri, por favor! Se soubesses como te adoro! Tu e os nossos filhos formam o meu mundo. Não me deixes sem uma carícia. Beija-me, Jess! Preciso de ti!

Jess não a beijava. Ela partia triste e melancólica. O marido levantava-se e tratava das crianças, dava ordens à criada e começava o seu infrutífero peregrinar pelos escritórios dos agentes.

...e nesta outra de «O aventureiro de Hong-Kong», terra de contrabando e de ciladas imprevistas marco de uma civilização misteriosa e terrível



Quando voltavam a encontrar-se, era já noite. Susan esforçava-se por não falar nos êxitos profissionais que desejaria poder compartilhar com o esposo. Estava apaixonada, muito apaixonada, por aquele homem que julgava apto para qualquer trabalho artístico, embora os seus entusiasmos e a sua fé estivessem longe da opinião dos que podiam contratá-lo.

A vida conjugal era cada vez mais difícil. Impotente para encontrar uma solução, Susan esforçava-se por esquecer tudo, servindo-se da fácil panaceia das diversões.

— Anda, leva-me a dançar. Trabalhei muito e quero sair contigo — exclamava, fazendo esforços para dissimular a sua evidente fadiga, a fim de arrancar o marido ao pessimismo.

— É melhor ficarmos em casa — respondia Jess, com um gesto irritado. Tu descansas e eu entretenho-me com qualquer coisa. Ao fim e ao cabo, a mulher, aqui, sou eu. Está bem à vista que o sou...

Tristemente impressionada com a ostensiva derrota de seu esposo, Susan sentava-se-lhe aos pés, acariciava-o ternamente, os olhos nublados por algumas lágrimas que vinham atraiçoar o falso optimismo com que procurava ocultá-las.

Incapaz de continuar fingindo, estimulava-o doutra maneira:

— Tudo se arranjará... Não penses assim... Tudo se arranjará! Tu tens valor, querido. Hão-de reconhecê-lo, mas até lá terás que esperar a tua oportunidade. Vamos, veste-te! Quero ir dançar contigo.

— Para quê? Para ouvir chamarem-me «o senhor Susan Hayward». Não preciso que mo lembrem! Sei bem o que sou...

— Cala-te! Cala-te! Ninguém se atreverá a dizer isso e, se o dissessem, será por inveja. Invejam a nossa felicidade. Essa é a razão. Faz-me a vontade e provar-lhes-emos que se enganam.

Tantas eram as argumentações em que o prendia, que acabavam por se reconciliar. Apareciam em público alardeando uma felicidade condenada a durar pouco tempo. E, quanto mais a prolongavam, maiores males se produziam.

A vida em família, sobretudo na presença dos filhos, desenvolvia-se dentro de um tom digno, normal. Os breves repousos que o estúdio concedia a Susan, eram aproveitados para combater o pessimismo de Jess. Levava-o para o jardim, desfrutando, por muito pouco que o tempo lhes permitisse, as delícias da natação na piscina da vivenda. Ambos gostavam de sol e de água. Iniciando os simpáticos gémeos nos segredos da natação, esqueciam os seus problemas durante algumas horas.

—Esses braços, Greg... Move as pernas, Timmy... Sem medo... A cabeça, a cabeça...

Risos... Alegria... Paz... Mas era tudo fictício, porque sòmente então, no breve parêntesis com os filhos, esqueciam o drama íntimo que os separava, cavando obstáculos cada vez mais profundos entre dois seres que se amavam sem possibilidade de compreensão.

★

As ausências de Susan adquiriram forçosa continuidade. Ela trabalhava sem descanso. Jess ficava em casa. Longe dos olhos vigilantes da mulher que o amava, podia dar rédea solta aos seus pensamentos, analisar a sua situação.

— Sou um fracassado — repetia com doentia insistência, porque ninguém acorria a desmenti-lo. — Sou um fracassado, um fracassado...

A ideia martelava-lhe o cérebro, obsessivamente.

— Sou um fracassado! E minha mulher não me ajuda. Vai-se embora para não ter de suportar as minhas queixas. Quanto maiores são os seus triunfos, mais insignificante me vejo. Se fosse da sua vontade, ela podia ajudar-me; encontraria trabalho para mim. Apesar de tudo, ela ama-me e eu amo-a. Mas sou um fracassado... Um fracassado... Um fracassado...

De vez em quando, Susan reaparecia em visitas rápidas, que aumentavam ainda mais o descontentamento de Jess. A razão era obvia. Submergido no pessimismo da sua derrota, enquanto estava só passava horas e horas na cama, dando voltas aos seus problemas. Tinha a vontade paralizada, os estímulos perdidos. Nem lutava, nem sentia já necessidade de lutar. A presença de Susan acentuava a sua derrota. Mas, fosse como fosse, deviam discutir sobre a situação, embora aquelas entrevistas redundassem num completo desacordo.

— Estamos dando voltas em redor de um círculo vicioso. Luta, Jess! Não te deixes dominar pelo pessimismo!

— Isso é fácil dizer quando tudo corre de vento em popa...

— Vento em popa. Se não fores feliz, eu também não o serei. Convence-te: estou preocupada; preocupadíssima por ti!

— Que bem que fingem as mulheres...

— Não finjo, querido. Sofro tanto como tu.

— Ah! Reconheces que esta situação me faz sofrer e não encontras meios de remediá-la. Tu podias encontrá-los.

— Diz-me como...

— Arranjando-me trabalho. — E acrescentou, despeitado, numa insinuação ofensiva: — Falando a toda essa quadrilha de admiradores que te rodeia e festeja. Não achas fácil?

Ignorando a sugestão malévola, Susan prosseguiu:

— Deverias mostrar-te em público. Sair. Na nossa profissão, é indispensável o contacto com os produtores e os agentes.

— Sim, claro! Como tu fazes frequentando os clubes nocturnos sem o teu marido...

— Bem sabes que não me divirto sem a tua companhia, Jess...

— Antes, quando eu não te acompanhava, ficavas em casa, comigo...

— Antes...

★

Onde tinha ido parar aquela felicidade de «antes», aquela compreensão e ternura dos primeiros anos do casamento? O coração de Susan sentia-se dolorosamente oprimido e atormentado, porque a despeito de todas as aparências, a sua formação era a de uma autêntica sentimental. A sua fé vacilava. Conhecendo o mal, não acertava com o remédio. E na terrível confusão que debilitava cada vez mais a sua vontade, os sonhos de salvar o casamento iam-se desvanecendo lentamente.

Chegou a experimentar uma confortante sensação de alívio quando o trabalho do estúdio lhe impôs constantes afastamentos para longe do lar. Era um agradável lenitivo não ouvir os queixumes de Jess. À distância, Susan ganhava coragem para deter a ruína da sua vida sentimental. Tinha os nervos abalados e precisava serená-los, para que, quando chegasse a hora de falar com Jess, não perdesse o controle.

Susan vinha interpretando uma série de filmes cuja protagonista se integrava no tipo de mulher perversa. Daí a fama de mulher sensual que começava a criar, em filmes caracterizados por ambientes de depravação e vício.

Porque tais filmes coincidiam com o momento psicológico mais dramático da sua vida, Susan perguntava a si própria qual a razão das suas preferências artísticas. Mas não sabia responder. Sabia apenas que a vida já não tinha segredos para ela e que aprendera talvez demasiado desde a sua infância nos bairros pobres da Brooklyn.

Os seus pensamentos andavam envoltos em muitas lágrimas, silenciosamente der-





ramadas na intimidade do lar. Jess tinha começado a perder-lhe o respeito. Quando discutiam, chegavam a vias de facto. A primeira bofetada que Jess lhe desferira tivera um epílogo de súplicas e arrependimento. Mas veio a segunda... E depois da segunda, muitas, muitíssimas mais.

A despeito de tudo, continuavam a amar-se, talvez porque no amor cabem os maiores absurdos. Amavam-se e nem um nem o outro pensavam na separação, embora soubessem que não podiam manter-se na situação em que estavam.

Intentando um remédio heróico, Susan propôs:

— Vou pedir férias. Que te parece uma viagem à Europa? Se a fizermos com boa vontade, talvez se tarnsforme na nossa segunda lua de mel!

— Como és boa, Susan! Sinto-me envergonhado! Essa viagem será maravilhosa. Eequecemos o passado como se fora um desagradável pesadelo . Perdoa-me, querida! Não te arrependerás!

Susan perdoou-lhe. Vinha perdoando-lhe desde sempre, desde antes de receber a ofensa. Antes de empreenderem a viagem, saíram juntos com frequência. Quem conhecesse a difícil intimidade em que viviam, olhá-los-ia com cara de espanto.

Seria possível a reconciliação?

Eis, nesta página, cinco diferentes expressões de Susan Hayward, em «Uma mulher no inferno», filme que pode ser considerado como a sua coroa de glória. Na verdade, o exigente júri do Festival de Cannes concedeu-lhe o prémio destinado à melhor actriz do ano, distinção que nunca tinha sido concedida a uma vedeta americana







★

Antes da partida para a Europa, Jess trabalhou nalguns filmes, interpretando papéis secundários. E embora pouco significassem para quem estava casado com uma das mais populares estrelas de Hollywood, tinham, pelo menos, o mérito de o libertar da situação de desempregado.

De qualquer modo, porém, ninguém se deixou enganar. Jess continuou a ser considerado o «senhor Susan Hayward». Os comentários fervilhavam:

— Quem é aquele que a acompanha?

— O marido. Jess Barker, também actor.

— Actor?... Que filmes fez?

— Não tenho ideia, mas é actor. Pelo menos, apresentam-no assim.

— Ah, compreendo.

O remédio — a viagem à Europa, — em 1953, visitando Espanha, França e Itália — resultou desta forma pior do que a doença. Os nervos de Jess estalavam à menor insinuação. Sentia-se minimizado.

Susan começou a considerar que o melhor seria retirar-se do cinema, de forma discreta e elegantemente disfarçada com afirmações de amor e felicidade.

Aos jornalistas que a assediavam com perguntas acerca da sua vida íntima, declarou com falso optimismo:

Admire-se, ainda de «Uma mulher no inferno», estas três imagens que assinalam eloquentemente a espantosa versatilidade de Susan Hayward









O actor Richard Conte teve em «Uma mulher no inferno» um papel que o reabilitou de muitos fracassos que últimamente o perseguiam. Segundo assinalaram certos críticos, ao facto não foi estranho a influência que Susan exerceu nos seus companheiros de trabalho, insuflando-lhes confiança nas suas possibilidades

— Sou feliz! Completamente feliz! Casei com o homem que amo! Tenho dois filhos deliciosos. Tenho fama e uma vida económica desafogada. Apenas penso, agora, numa nova vida. Retirar-me para o nosso rancho e ter mais filhos...

— Quando pensa fazer isso?

— O mais depressa que puder. Logo que cumpra os contratos que me restam, não assinarei mais nenhum.

Susan e Jess regressavam a casa no mais completo desacordo. As discussões tornaram-se mais frequentes, assim como as agressões. Susan saía e entrava sem preocupar-se com a opinião do marido. Buscando uma paz impossível, empreendeu outra viagem, desta vez para Honolulu e sòzinha. Precisava acalmar-se. Pensar.

No regresso, encontrou-se com o marido que já lhe causava horror e que tinha planeado a sua destruição.

Logo que encontrou a primeira oportunidade, Jess decidiu destruir aquilo que o separava e unia à esposa: o famoso rosto de Susan com toda a sua atractiva beleza. Munido de uma faca, procurou atingi-la nos olhos, cujo poder de sedução tão bem conhecia! Destruindo-os, Susan não poderia voltar a trabalhar. Não ganharia dinheiro para o sustentar. Era a única maneira de se libertar da obsessão enlouquecedora que o tinha convertido num fracassado.

— Não, não, Jess! Acalma-te! Socega! — gritava, enquanto fugia à procura de auxílio.

Ela perseguia-o loucamente, tentando alcançá-la e consumar o seu criminoso propósito. Finalmente, apanhou-a à beira da piscina. Susan cobriu o rosto com as mãos. Tinha adivinhado as intenções do marido.

★

Quando os vizinhos e a polícia conseguiram resgatá-la tinha os olhos pisados e várias feridas no rosto. O nariz sangrava. E todo o corpo se dobrava, impotente e deprimido...

O temido divórcio, por medo ao qual tanto havia suportado, impôs-se-lhe irremediàvelmente. O seu lar acabava de se derrubar estrepitosamente após nove anos de vida matrimonial.

Antes de pôr o processo no tribunal, Susan soube que Jess pretendia cobrar um preço elevado pelo seu consentimento. Um advogado tomou conta do assunto. Estipularam-se condições... Fizeram-se ofertas... Mas Jess manteve-se inflexível, pondo obstáculos sobre obstáculos, sabedor de que a esposa ansiava paz, a qualquer preço...

— Cem mil dólares pela minha liberdade. — Ofereceu Susan, desesperada.

— Só a terás em troca de metade da **nossa** fortuna — respondeu aquele que, durante muitos anos, não ganhara um cêntimo.

O juiz que julgou o processo do divórcio soube fazer justiça, concedendo à actriz a total custódia dos dois filhos e o direito exclusivo às suas propriedades e dinheiro.

★

Susan Hayward recomeçou a vida com coragem. Entregou-se activamente ao trabalho nos estúdios, mas sem descurar o merecido repouso que o corpo lhe exigia.

Durante algumas semanas, descansou no seu rancho de Nevada, onde, aliás, num alarde de optimismo, tinha pensado poder salvar o casamento com Jess.

Como não podia deixar de ser, surgiram outros homens, interessados na sua beleza, que se propunham acompanhá-la aos clubes nocturnos, ansiosos por vê-la sorrir de novo. Jeff Chandler tornou-se o seu mais assíduo companheiro. Ela não esquecera o rapagão descorado e tímido que, na escola comunal de Brooklin, se enamorava da pequena Edithe.

— Quero ajudar-te como me ajudaste na Escola, lembras-te?

— Obrigado, Ira. Lembro-me. Como eram diferentes aqueles tempos! Quem pudesse voltar atrás.



«Uma mulher no inferno» focava a vida de Lillian Roth segundo a autobiografia escrita por esta famosa actriz americana, que aqui aparece felicitando Susan Hayward pela maneira como «ressuscitou» as fases tão contraditórias da sua vida...

— O passado não volta — filosofou Jeff, com uma expressão de íntima tristeza.

— Tu também não és feliz.

— Também não. Os nossos problemas são semelhantes. O meu divórcio e o teu obedecem às mesmas razões.

— Ciumes artísticos, não é verdade? Porque Jess e eu amavamo-nos muito...

— Também Marjorie me amava... Agora...

Confessaram-se mùtuamente, desabafando as suas penas. Voltaram a encontrar-se cada vez com mais assiduidade. Precisavam um do outro. Ambos estavam sedentos de uma paz destruída pela celebridade. Aturdiam-se nos clubes nocturnos. Falavam confidencialmente, mussitando coisas ao ouvido. Idílio?

Tinham dinheiro, glória, popularidade. E, no entanto, caminhavam na vida como dois seres errantes, sem lar, ansiosos por reconstruí-lo.

— Se nos casássemos... — desabafaram os dois ao mesmo tempo. — Pensas que chegaríamos a esquecer?

A pergunta ficou flutuando no ar, porque entre a música trepidante da orquestra e os efeitos embriagadores do **whisky**, se erguia uma irremediável desolação espiritual.

— Quando se amou muito, a felicidade não se improvisa... — filosofou Jeff.

O outrora tímido Iva Grossell compreendeu a tempo que não podia penetrar demasiado na vida da sua inquieta amiga. Tornou-se, além de amigo, um confidente em todas as horas de desânimo, amimando-a com os seus conselhos:

— Não desesperes. O tempo tudo apaga e resolve.

— Obrigado, Ira. Devo muito à tua amizade.

Não obstante a amizade de Jeff e os beijos de Gregg e Timmy, Susan sentia-se aniquilada e vencida pelos próprios pensamentos.

Certo dia, percebeu que tinha chegado ao fim. Já não tinha forças para continuar a viver.

Antes de pôr em prática a tremenda decisão, telefonou a sua mãe:

— Cuida dos meus filhos, mamã. Já não posso mais. É superior às minhas forças.

Pousou o auscultador e ingeriu todo o conteudo de um tubo de soporíferos.

No outro extremo do fio telefónico, a desesperada mãe tentava restabelecer a comunicação. Esforço inútil! Susan, estendida sobre a cama, dormia um sono profundo que poderia ser o último da sua vida.

Avisada a Polícia e, na presença da mãe, conduziram-na ao «Sanatório do Libano». Estava salva.

Quando dias depois abandonou aquele estabelecimento, o seu aspecto era outro. Tinha reflectido serenamente. Sorria aos fotógrafos e o seu rosto irradiava uma iniludível ânsia de viver.

Um jornalista escreveu:

«Seja como for, convem não esquecer que o rosto da atraente Susan é dos que mais fàcilmente sabem reflectir qualquer estado de espírito».

Susan dedicara treze anos à vida de esposa e mãe, mas pusera sempre a carreira artística em primeiro lugar. A Metro confiou-lhe então o extraordinário papel de Lilian Roth em «Uma mulher no inferno». Numa demonstração da sua extraordinária capacidade, Susan aceitou a missão com coragem, muito embora soubesse que deveria esforçar-se mais do que nunca, para poder encarnar a vida da grande actriz dos anos 20, ainda viva.

«Uma mulher no inferno» deu-lhe a oportunidade de figurar, pela 4.ª vez, entre os candidatos ao prémio da Academia. Ganhou o prémio do Festival de Cannes. De todo o mundo, choveram os aplausos e as consagrações.

Por incrível que pareça, Susan durante os dez anos em que estivera casada com Jess, nunca dera uma festa. Como que para se desforrar do tempo perdido, resolveu promover uma festa como poucas vezes Hollywood viu. Convidou um número restrito de celebridades ligadas ao cinema.



O último filme de Susan Hayward «Escândalo na 1.ª página», inicia uma nova fase na sua vida artística: a comédia. Trata-se da história de uma beldade, jornalista brilhante, que resolve pregar umas partidinhas ao mais inflexível e divertido dos generais (Kirk Douglas). Enfim, mais um triunfo para Susan

Na memorável festa, estavam presentes alguns produtores e realizadores, mas a grande maioria dos convidados era formada por advogados, médicos e engenheiros acompanhados pelas respectivas esposas.

Susan distribuia pròdigamente os seus sorrisos. A certa altura, porém, alguém lhe apresentou Eaton Chalkey, um advogado da Georgia, homem interessante, inteligente e educado. Ela deixou de sorrir com a mesma naturalidade. Ele não pôde conter a sua admiração perante a beleza da sua interlocutora.

No resto da festa, trocaram olhares constantes, como que impelidos com uma força magnética a que não podiam resistir.

Após a festa, seguiu-se um período de meditação e



raciocínio para Susan. A figura simpática e sorridente de Eaton Chalkley, surgia na sua mente, como que personificando o equilíbrio, o amor, a segurança de um lar sólido e feliz.

Eaton telefonava-lhe da Georgia todos os dias, convidando-a para passeios. Alegando negócios, ia a Hollywood em todos os fins de semana.

Pouco a pouco, a companhia agradável de Eaton Chalkey foi modificando a maneira de ser da mulher de cabelos vermelhos.

Quando chegou o Natal de 1956, Susan ofereceu uma festa, cujas ornamentações dirigiu pessoalmente, aliando originalidade e sobriedade a um gosto apurado. As iguarias servidas aos convidados não poderiam ter sido mais escolhidas. Em todos os pormenores, ressaltava o extremo cuidado posto por Susan na organização da festa. Mas sòmente queria agradar a uma pessoa: Eaton Chalkey.

E, naquela noite, ambos começaram a pensar a sério no casamento.

★

No dia 31 de Janeiro de 1957, o jovem par de namorados partiu para Phoenix, no Estado de Arizona, anunciando apenas aos amigos mais íntimos a decisão do seu casamento.

Em Arizona, Eaton e Susan encontraram obstáculos com os quais não contavam. Não sabiam que havia ali uma nova lei segundo a qual era necessário um prazo mínimo de três dias para tirar a licença do casamento.

Para se defenderem dos jornalistas enquanto os três dias não passassem, Susan, sempre de óculos escuros, registou-se num hotel com o seu verdadeiro nome — Edythe Marrener. Por seu lado, Eaton Chalkey instalou-se num hotel diferente, sem necessidade de mudar de identidade.

Mas, impacientes com a demora, resolveram partir para Nevada, onde os casamentos podem ser realizados em seguida. Antes de comprar as passagens, Eaton lançou mão do telefone para jogar a última cartada junto do governador de Arizona, seu amigo pessoal, conseguindo assim autorização para o casamento se realizar em seguida.

Phoenix veio a ser desta forma, o local de um casamento discreto, diametralmente oposto aos tradicionais enlaces das «vedetas» de Hollywood, que muitas vezes visam apenas a publicidade.

Os noivos passaram a lua-de-mel em Nova Orleans, e depois partiram para Carrolton, uma cidade pequena e sem atractivos, na Geórgia, onde desde então habitam na confortável vivenda que Eaton já possuía.

Susan renunciou definitivamente à vida agitada e luxuosa de Hollywood, onde só permanece por motivos profissionais, tendo vendido já a famosa casa que ali mandara construir.

Tudo indica que Susan alcançou finalmente a ambicionada felicidade por que tanto lutou e sofreu. Eaton tem-se mostrado um marido perfeito, muito dedicado e afectuoso.

Eis porque Susan já não coloca a sua carreira em primeiro lugar, porque agora desempenha — a todas as horas e minutos — o papel mais importante que poderia obter: o de esposa feliz...

Numa recente entrevista para a rádio, a família Hayward apareceu pela primeira vez completa. Eis os gémeos Gregg e Timmy com sua mãe e o seu pai adoptivo, o advogado Eaton Chalken

SUSAN

UMA MULHER SIMPLES na intimidade

«A VIDA DE UMA ESTRELA DEPENDE DO SEU MODO DE PASSAR AS HORAS DE DESCANSO NO LAR»

Susan Hayward concentra a maior parte das energias à profissão de actriz. No entanto, gosta de montar a cavalo e nadar, entre os desportos. Entre as suas preferências espirituais, a pintura ocupa o primeiro lugar. Susan possui um quadro a óleo em que retratou, pela sua própria mão, o rosto da avó.

Ao contrário de muitas actrizes que chamam a atenção pelas suas maneiras exóticas, Susan distingue-se pela sua extraordinária simplicidade em público. Apontam-lhe como única vaidade: a maneira extremamente vaidosa como cuida da sua cabeleira ruiva.

Nunca quis mudar de penteado, apesar da moda que muitas «estrelas» seguiram de cortar os seus cabelos «à italiana».

Prefere os vestidos de cor branca e negra. Orgulha-se de possuir um paladar requintado. Sempre que pode, gosta de demonstrar as suas qualidades de cozinheira, não obstante o que conserva 56 quilos de peso. Nas festas e reuniões sociais, gosta de fazer imitações, embora seja simples e esteja longe de pertencer ao tipo de mulheres que tudo fazem para dominar as atenções. Inteligente e conversadora, aborda com facilidade qualquer assunto, o que torna a sua presença solicitada para quase todas as festas de Hollywood.

Sempre que pode, dedica-se à leitura, não perdendo nenhuma das obras de Ben Hetch e Thomas Wolfe.



Quadro dos filmes interpretados por SUSAN HAYWARD

Anos	Títulos dos filmes	Outros artistas	Estúdios
1938	*Marcada pela Lei* (Girls on Probation)	Ronald Reagan	Warner
1939	Beau Geste	Gary Cooper Ray Milland	Paramount
	Our Leading Citizen		
	$1000 a Touchdown		
1941	Adam Had Four Sons	Ingrid Bergman	Columbia
	Sis Hopkins		
	Among the Living		
1942	*Vendaval de Paixões* (Reap the Wild Wind)		Paramount
	The Forest Rangers	Fred Mac Murray Paulette Goddard	Paramount
	I Married a Witch		
1943	Young and Willing		
	Hit Parade 1943		
	Star Spangled Rhytm		
	Top Ten Money		
	Making Star		
1944	The Fighting Seabees	John Wayne	Republic
	A vida de Jack London	Michael O'Shea	Republic
1945	*O amanhã é nosso* And Now Tomorrow	Alan Ladd Loretta Young	Paramount
	The Harry Hape		
1946	Murder, he says	Fred Mc Murray	Paramount
	Canyon Passage	Dana Andrews	Universal
	Um de nós é o criminoso Deadlincht at dawn	Paul Lukas	RKO
1947	Smash up	Lee Bowman	Universal
	Lost Moment	Robert Cummings	Universal
1948	*Raízes fortes* (Tap Roots)	Van Heflin Ward Bond	RKO
	The Saxon Charme	RobertMontgomery John Payne	Universal
1949	*Tulsa, o oiro negro* (Tulsa)	Robert Preston Pedro Armendariz	Universal
	Sangue do meu Sangue (House of Strangers)	Edward G. Robinson	Fox
1949	*Meu louco coração* (My Foolish Heart)	Dana Andrews	RKO
	História de uma alma (I'd clemb the Highest Mountain)	William Lundigam Alexander Knox	Fox
	Ambição de Mulher (I Can Get if for you Wholesale)	Dan Dailey	Fox
1950	*O correio do Inferno* (Rawhide)	Tyrone Power	Fox
1951	*David e Betsabé*	Gregory Peck	Fox
1952	*Quando o coração canta* (With a Song In my heart)	Rory Calhoun David Wayne	RKO
	Idílio Selvagem (The Lusty Man)	Robert Mitchum	Fox
	As Neves de Kilimanjaro (Snow of Kilimanjaro)	Gregory Peck	Fox
	A dama marcada (The President's Lady)	Charles Heston	RKO
1953	*O Conquistador* (The Conqueron)	John Wayne Pedro Armendariz	Fox
	A feiticeira branca (White Witch Doctor)	Robert Mitchum	Fox
	Demétrio o gladiador (Demétrius and the gladiators)	Victor Mature	Fox
1954	*O jardim do diabo* (Garden of evil)	Gary Cooper	Fox
	Enquanto dura a tormenta (Untamed)	Tyrone Power Richard Egan	Fox
1955	*O aventureiro de Hong--Kong* (Soldier of Fortune)	Clark Gable	Fox
1956	*Uma mulher no inferno* (I'lcry tomorrow)	Richard Conte Don Taylor	Metro
1957	*Escândalo na 1.ª página* (Top secret affair)	Eddie Albert Kirk Douglas	Warner

A seguir

Álbum dos Artistas

apresenta o actor que já bateu todos os recordes da longevidade artística



GARY COOPER

um dos maiores nomes do cinema numa sensacional biografia profusamente ilustrada



N. 19

PREÇO 2$00





FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.— LISBOA